

A AERONÁUTICA E A AMAZÔNIA

Preservar e desenvolver

OCTÁVIO JÚLIO MOREIRA LIMA

Recentemente, a imprensa nacional e internacional tem dado ênfase às questões ecológicas. Esta preocupação é mais do que justa, porque interfere na vida do planeta e, portanto, em nossas próprias vidas. No entanto, em certas ocasiões, tem-se utilizado este pretexto para mascarar interesses outros que não a ecologia.

Neste sentido, a Amazônia brasileira tem sido o alvo preferencial de ataques por parte de entidades internacionais e até nacionais, classificando sua exploração como uma ameaça à vida na Terra. Todavia, o Brasil não é o país mais poluidor do Mundo.

É óbvio que o Governo brasileiro não poderia ficar inerte ante uma utilização desordenada e devastadora da Amazônia, porque, se a permitisse ou lhe fechasse os olhos, estaria degradando o seu próprio patrimônio. O que se pretende, e se está fazendo, é preservá-la com desenvolvimento, o que é perfeitamente viável.

A Região Amazônica é uma área estratégica, que dispõe de inesgotáveis recursos naturais, e o Brasil, país em desenvolvimento, carece destes recursos para o benefício da própria região e de todos os brasileiros.

Por isso, o Governo brasileiro, cômico de suas responsabilidades, tem estudado e adotado medidas adequadas,

ouvindo sugestões, objetivando uma solução que seja favorável aos interesses nacionais e conciliatória com o desenvolvimento econômico.

Dentro desta ótica, dando prosseguimento ao legado histórico de nossos antecessores na defesa do que é nosso e, em particular, da Amazônia, ao lado das demais Forças Armadas, o Ministério da Aeronáutica tem participado decisivamente da integração nacional aproximando os ínvios rincões de nossa Pátria e diminuindo o abismo entre os centros mais desenvolvidos e as regiões menos favorecidas.

Hoje, muito se fala em defender florestas e o meio ambiente. Todavia, para resguardar-se este valioso patrimônio foi condição **sine qua non** primeiramente preservar-se as fronteiras, a cultura, as riquezas minerais e as comunidades indígenas ali existentes. Isto a Força Aérea Brasileira (FAB) fez e, mais ainda, continua a fazê-lo, marcando a presença nacional em locais que, muitas vezes, nem sequer aparecem nos mapas, levando-lhes o apoio, a assistência médica e os meios necessários à sobrevivência. Sem a presença da FAB, muitas comunidades indígenas, seguramente, não mais existiriam.

Atualmente, deparamo-nos com um novo enfoque ecológico: desmatamento, queimadas, poluição de rios etc.

Neste aspecto, a FAB, tes-

temunha ocular das mutações ali processadas, não se descuidou, servindo de sentinela avançada e guardiã daquele imenso território, através do avião, veículo privilegiado pelas características de observação e mobilidade.

Assim sendo, o Ministério da Aeronáutica já se preocupava com esta ameaça e muito mais razão tem para fazê-lo agora. Por isso, como primeiro passo, já recomendou ao Departamento de Aviação Civil (DAC) e a outros órgãos subordinados que reforcem a orientação às tripulações das companhias de aviação e pilotos militares e particulares, para que relatem e comuniquem aos órgãos de tráfego aéreo e ou governamentais específicos sobre a ocorrência e a localização de incêndios, aberturas de clareiras e outros fenômenos comprometedores do meio ambiente na Região Amazônica, no Pantanal Mato-grossense e outras áreas florestais, enquanto estão sendo estudadas medidas mais abrangentes e eficazes. Desta forma, o Ministério da Aeronáutica, mantendo a sua tradição histórica, coloca-se à inteira disposição para apoio aos órgãos governamentais ou quaisquer entidades que se interessem pela contínua luta pela preservação do meio ambiente, notadamente da Amazônia.